

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cherly da Conceição da Costa Marcher

Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC

cherlymarcher@hotmail.com

Maria Raimunda Valente de Oliveira Damasceno

Universidad Tecnológica Intercontinental – UTIC

maria_damasceno@hotmail.com

RESUMO

O artigo aborda a temática A contação de histórias como estratégia pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Desta forma, os estudos contidos em seu bojo tem o objetivo de analisar a contação de histórias como estratégia pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro em Macapá, Estado do Amapá. Para tanto, utilizou-se de metodologia da investigação científica, quando se estipulou por sua natureza da pesquisa do tipo qualitativa e quantitativa, de nível exploratória e descritiva e modalidade de observação participante, entrevista com alunos, contador de história, professores e coordenação pedagógica e análise documental como instrumentos de coleta dos dados. Constatou-se que a pesquisa, na área da contação de histórias, relata a sua importância para a humanidade e a contribuição para o ensino. A sociedade familiar e educacional desconhece tal poder mágico e faz com que o seu valor seja limitado e pequeno. Assim, acredita-se que apesar de ser uma arte milenar, o conto é inovador na prática pedagógica, necessitando do apoio e cooperação, tanto da comunidade escolar quanto da sociedade em geral para o seu êxito.

Palavras-chave: Ensino, estratégia pedagógica, arte, Contação de história.

ABSTRACT

The article deals with the theme The storytelling as a pedagogical strategy in the early years of elementary school, in the State School Shrine of Perpetual Help in Macapa, State of Amapa. Thus, the studies contained within it aims to analyze the story-telling as a pedagogical strategy in the early years of elementary school, in the State School Shrine of Perpetual Help in Macapa, State of Amapa. To this end, we used the methodology of scientific research, when stipulated by their nature research of qualitative and quantitative type of exploratory and descriptive level and type of participant observation, interviews with students, storyteller, teacher and pedagogical coordination and document analysis as of the data collection instruments. It was found that research in the field of storytelling, reports its importance for humanity and contribution to education. The family and educational society is unaware of such magical power and makes its value is limited and small. Thus, it is believed that even though it is an ancient art, the story is innovative in teaching practice and need the support and cooperation of both the school community and society in general to their success.

Key Words: Education, pedagogical strategy, art , story-telling.

1. INTRODUÇÃO

Nas leituras perpetradas se observa que o mundo proporciona a todos infinitos caminhos de descobertas, de prazer, de gozo, de liberdade no momento do contar. As narrativas têm que fazer parte da vida das crianças desde o início, pois sua visão de mundo recai no universo simbólico e será o começo da construção de uma realidade carregada de sentido para sua formação enquanto cidadão.

Pretende-se estabelecer um entendimento sobre a abrangência, o prazer, o gosto, o benefício educacional, o conforto, o jogo emocional, a preferência, as técnicas e tantas outras questões que envolvem o mundo real e fantástico da narrativa oral.

As escolas do Sistema Estadual de Educação agregam formas diversificadas de aquisição da aprendizagem, logo se define como problema dessa pesquisa: Qual é a contribuição da estratégia pedagógica contação de histórias para o processo ensino aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá, no Estado do Amapá?

E apresenta-se a pergunta geral: Como está acontecendo a contação de história como estratégia pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá, Estado do Amapá?

Bem como, as hipóteses formuladas: As metodologias de ensino dos professores são diversificadas nos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá Estado do Amapá; Todos os recursos didáticos são utilizados pedagogicamente corretos nos anos iniciais da Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá Estado do Amapá; Uma ferramenta fundamental ao processo ensino e aprendizagem trabalhada nos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá Estado do Amapá como estratégia pedagógica é a contação de história.

Os professores tem uma tarefa árdua em que consistem compromisso, dedicação e respeito na transmissão de conhecimentos; e quando não conseguem se frustram; acabam descontentes por perceberem que seus alunos não conseguem assimilar e entender a linguagem escrita, por esse motivo, apresentam dificuldades no momento de realizarem as atividades propostas em sala de aula com autonomia, resultando no fracasso escolar, devido a essa observação, houve necessidade de se investigar outras

formas atrativas e prazerosas que possam chamar o alunado, para assim fortalecer o seu aprendizado como o caso da contação de história.

Considerando as informações coletados pela Unidade de Alfabetização-UALF/SEED compreende-se que as escolas da rede pública do Estado do Amapá, nas quais se desenvolvem projetos de leitura, são visíveis as dificuldades de habilidades da leitura, escrita e oralidade. Para que o professor possa suprir estes problemas, torna-se necessário fazer de suas aulas momentos de puro prazer com a prática da narrativa oral, utilizando-se de recursos expressivos e atraentes para seduzir os educandos e desta forma professor e aluno tende a se relacionar com humor e descontração, gerando por consequência a aprendizagem.

Sendo assim, o trabalho objetiva analisar a contação de história como estratégia pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá, Estado do Amapá. Observa-se que o alunado necessita das histórias para que a sua vida tenha sentido enquanto ser vivo, pois através dos contos o mundo se mostra por meio das letras, palavras e frases. Ressalta-se que vivenciar a construção narrativa no espaço escolar irá fortalecer as práticas de ensino incidindo na aprendizagem dos discentes.

O desenvolvimento de um trabalho de investigação que carrega em seu bojo fundamentações acerca das estratégias pedagógicas, além das teorias que as sustentam acaba por contribuir com as academias, com a ciência em si, uma vez que seus aportes teóricos e práticos se registram como referências a novos estudos em cursos de formação de professores, assim como de teóricos da área.

Contudo o maior desafio é fazer com que a necessidade das estratégias pedagógicas de contação de histórias adentrem e permaneçam nas instituições escolares, como um instrumento precioso no fazer- aprender. O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro em Macapá, Estado do Amapá, nas turmas de anos iniciais do ensino fundamental, público alvo da presente pesquisa, porque a teoria oral impressiona tanto criança quanto o adulto e necessita urgente de um trabalho de enriquecimento da expressão escrita e do estímulo à leitura, acompanhado de um ambiente confortável de afetividade e amorosidade para o desfrute desse processo pedagógico.

2. MARCO METODOLÓGICO

Com a finalidade de atender os principais aspectos para a construção dos resultados dessa pesquisa, pretende-se organizar a partir das suas finalidades, ou seja, quanto ao seu enfoque e definição do tipo de pesquisa que se deseja elaborar.

2.1. TIPO DA PESQUISA

Quanto ao enfoque, a pesquisa empírica se enquadra na abordagem mista, ou seja, aquela que segundo Alvarenga (2012) se utiliza tanto da abordagem quantitativa quanto também faz uso da abordagem qualitativa.

O enfoque qualitativo tenta descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda, considerando inclusive o contexto que envolve a problemática estudada. É imprescindível que o pesquisador tenha uma visão de totalidade e compreensão do contexto e dos sujeitos envolvidos no estudo, porque esse tipo de pesquisa almeja saber o que esses sujeitos pensam o que sentem e como agem no seu contexto; suas experiências, suas atitudes e crenças (Alvarenga, 2012, p. 10).

O uso do enfoque qualitativo visa relacionar a forma com que os dados, nesse caso, respostas às perguntas do tipo abertas, demonstram e exprimem a veracidade dos fatos que são descritos na realidade pesquisada. Como bem explicado por Zaluar (1985) a pesquisa é qualitativa por relacionar-se com os atores no campo e assim, buscar compreensões através das respostas obtidas com os próprios investigados, demonstrando o imaginário e a realidade do campo de pesquisa, tornando-se um participante em seus dramas diários.

No que diz respeito ao enfoque quantitativo, sua escolha advém da busca de quantificar certas informações que serão obtidas com os instrumentos de pesquisa, e assim, analisá-las em conformidade com aspecto estatístico, em outros termos, segundo esclarecido por Fonseca (2002) é considerar a realidade que pode ser mensurada através da estatística, porcentagens e médias nas variáveis que foram propostas para ser analisadas no âmbito de uma pesquisa mista (qualitativa e quantitativa).

Quanto ao nível de investigação dessa inquirição, em relação à abordagem quantitativa, foi classificada como exploratória e descritiva. Sendo assim, em relação ao nível de investigação exploratório, Alvarenga (2012, p. 40) o descreve como meio de investigação em que o problema da pesquisa é pouco estudado, “[...] que não tenha sido estudado ainda e não existe ou existe pouca literatura e informações”.

Dessa forma, a pesquisa contida neste artigo é exploratória porque se voltou para a análise de uma determinada realidade escolar, evidenciando e analisando a contação de história como estratégia pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá, Estado do Amapá.

A pesquisa descritiva, por sua vez, objetiva a descrição de uma determinada situação. Neste tipo de estudo busca-se identificar assuntos problemáticos, características gerais e o perfil de determinado fenômeno. Procura-se medir e mensurar, todavia não se almeja estabelecer relações entre as variáveis ou compreender todas as causas do problema da pesquisa, pelo contrário, busca-se apenas descrever o que foi apresentado nos instrumentos de coleta de dados de forma adequada.

Haverá sempre alguma obra, ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão. O objetivo de uma pesquisa exploratória e descritiva é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido, pouco explorado.

2.2.DESCRICÃO DA POPULAÇÃO E AMOSTRA

Durante todo o trabalho de produção de conhecimento para a execução desta produção, que foram as necessárias informações oriundas da escola, sobre sua estrutura e funcionamento e ainda a composição de seu pessoal, o universo da escola dos entrevistados é a composição aleatória por 50 alunos matriculados no ano letivo de 2014 nos anos iniciais do ensino fundamental, além de 02 coordenadores pedagógicos e 14 professores do ensino fundamental dos anos iniciais; Também contribuiu 01 profissional da área da contação de histórias.

Nesse sentido, Alvarenga (2012, p. 65) afirma que “a amostra deve ser representativa do universo, o que significa que deve possuir as características básicas que se deseja estudar da população”.

Dessa forma, a amostra de alunos que foi selecionada aleatoriamente para compor a análise de dados e para tanto, representa 28% do universo de alunos da escola campo, uma vez que se investigou 50 alunos dos anos iniciais do ensino fundamental da Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro em Macapá, Estado do Amapá. Sem perder de vistas a abordagem efetivada em 02 coordenadores pedagógicos, 100% deles, 14 professores dos anos iniciais do ensino fundamental da supracitada escola, 100% deles e 01 contador de história, 100% do total, sendo as três últimas categorias sem

amostra pela acessibilidade deles, apontando que a população de uma pesquisa se organiza no conjunto de todas as pessoas envolvidas com o fenômeno alvo da investigação e que dependendo da população exequível não se necessita de amostra como o caso acima.

2.3. LOCAL E PERÍODO DO ESTUDO

A Escola campo da pesquisa denominada Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro em Macapá, Estado do Amapá, está localizada no bairro periférico denominado de Perpétuo Socorro, em que a maioria dos educandos e seus responsáveis, convivem próximos à zona de risco, decorrente da nova configuração da realidade social, econômica, política e cultural e com os problemas característicos dessa realidade, tais como desemprego, prostituição infantil, violência entre gangues, tráfico de drogas, uso de armas, desintegração familiar, o que tem influenciado na forma de organização do fazer escolar. Essa problemática, além de outras implicações, repercute em comportamentos sociais inadequados e reflete de forma negativa no rendimento escolar.

2.4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

Instrumentos foram responsáveis para a coleta de dados: Análise documental do Projeto Político Pedagógico - PPP e do Projeto da sala de Leitura da Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro e uma entrevista estruturada contendo perguntas abertas e fechadas.

✓ Projeto Político Pedagógico - PPP

Foi utilizada a pesquisa do tipo documental, que segundo Marconi & Lakatos (2008) se utilizam de documentos obtidos durante a pesquisa exploratória, é o caso, por exemplo, do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola investigada, utilizado nessa dissertação por ser um instrumento resultante de um esforço coletivo de toda escola que busca sistematizar suas ações, tendo em vista oferecer uma educação significativa aos alunos. Nesse processo é fundamental a participação e o envolvimento de todos, a fim de se garantir a construção de uma educação de qualidade.

O PPP aponta como referência a realidade do educandário e as possibilidades do desejável e do alcançável, através de ações concretas e conjuntas plenamente

realizáveis. É necessário conhecer as experiências, dificuldades, problemas e avanços da comunidade escolar para que realize uma reflexão crítica em busca de uma prática baseada nos princípios éticos e democráticos.

✓ Projeto da Sala de Leitura

Outro documento considerado como fonte de coleta de dados foi o Projeto da Sala de Leitura, onde se pode observar a relevância do projeto, sua justificativa, objetivos gerais e específicos para ser executado na escola.

A proposta do ambiente Sala de Leitura é incentivar o gosto pela leitura, para que os alunos usufruam do acervo literário e logo possam desenvolver habilidades, melhorar o seu potencial quanto ao desenvolvimento cognitivo, e acima de tudo, exercer seu papel de cidadão pró-ativo na sociedade em que vive.

✓ Entrevista estruturada

A coleta de dados da pesquisa de campo ocorreu por meio de entrevistas, que Martins (2008, p. 27) define como “[...] uma técnica de pesquisa para coleta de dados cujo objetivo básico é entender e compreender o significado que os entrevistados atribuem a questões e situações, em contextos que não foram estruturados anteriores, com base nas suposições e conjecturas do pesquisador”.

Antes de cada entrevista, explicou-se aos entrevistados a finalidade da visita, o objetivo da pesquisa, a importância da colaboração pessoal dentro do grupo pesquisado, bem como se esclareceu que a entrevista tem caráter confidencial e que as informações prestadas permanecerão no anonimato.

As entrevistas duraram cerca de 50 minutos com perguntas abertas e fechadas, buscando captar as nuances da relação dos entrevistados com o tema proposto, e foram realizadas nos ambientes internos do educandário com a presença do entrevistador e os pesquisados. Os entrevistados foram encorajados a entrar em detalhes, a exprimir anseios e opiniões acerca da leitura, as suas características pessoais e experiências, influenciam no processo de escolarização, conforme apresenta os questionamentos que versam sobre a contação de histórias no contexto escolar.

As perguntas abertas são aquelas que permitem liberdade ilimitada de respostas ao informante. Nelas poderá ser utilizada linguagem própria do respondente. Elas

trazem a vantagem de não haver influência das respostas pré-estabelecidas pelo pesquisador.

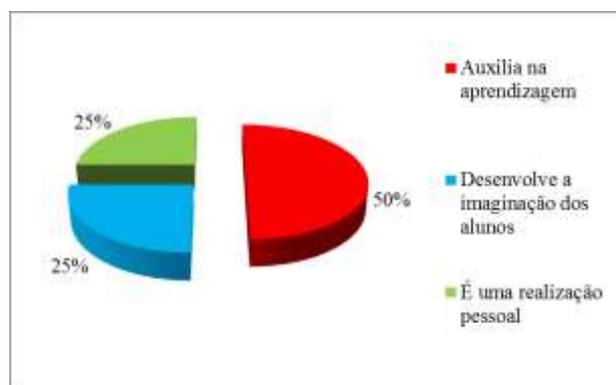
As perguntas fechadas são aquelas que o pesquisador define as alternativas que podem ser selecionadas pelo entrevistado. Elas podem ser assinaladas conforme as respostas estipuladas pelo pesquisador.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PELOS DOCENTES

Esse primeiro item de análise dos resultados deste capítulo, se propõe a compreender as respostas e relatos obtidos com os docentes participantes da pesquisa. De acordo com a entrevista realizada, propôs de início indagar sobre a importância da contação de histórias e da sala de leitura na realidade da sala de aula. As principais respostas foram agrupadas no gráfico a seguir.

Gráfico 01. Opinião sobre importância da contação de histórias e da sala de leitura.



De acordo com o gráfico 01, cerca de 50% das respostas afirmam que os contos na sala de aula auxiliam na aprendizagem, 25% afirmaram ser uma realização pessoal e para 25% os contos desenvolvem a imaginação dos alunos.

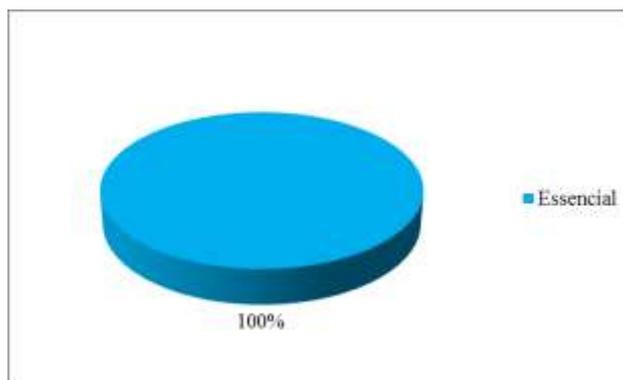
Como se pode perceber nas respostas dos professores, contar histórias é uma prática que promove ótimos resultados no processo ensino aprendizagem dos alunos. Portanto, o que se buscou compreender com tais respostas é que desde criança se possa ter o hábito e o mais importante, o gosto e o prazer pela leitura, e é por este motivo que se faz necessário um contato maior da criança com o livro, promovendo muito mais que simples leitores e sim construindo leitores críticos e reflexivos, através de um conto de

histórias, que desenvolve a imaginação, a criatividade, a relação professor-aluno e o ambiente educacional.

Contar histórias é uma prática que está na realidade das escolas, entretanto, algo que já foge a realidade da maioria é a sala de leitura, espaço que segundo Viñao Frago & Escolano (2001) é parte integrante do currículo, influenciando e modificando as relações e as aprendizagens por ser elemento cultural e pedagógico, onde práticas vivenciadas se movimentam na promoção e orientação da leitura, ou seja, a socialização da valorização da leitura é impossível de ser realizada por alguém que não gosta de ler.

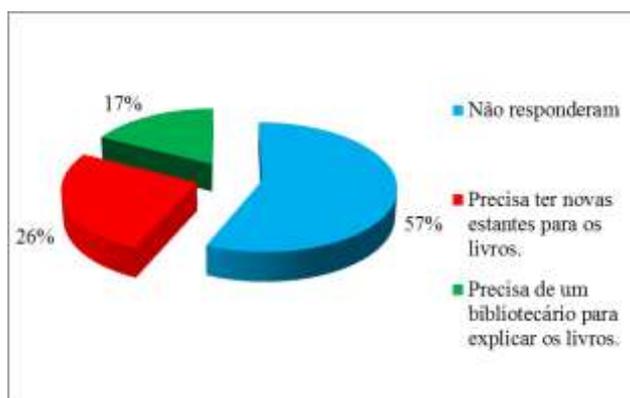
Assim, a segunda pergunta feita aos professores foi relativa à sala de leitura na escola, buscando fazer os professores responder em apenas uma palavra, num rol de três específicas disponíveis na entrevista, a melhor definição para a existência e a importância desse espaço na escola. As respostas foram agrupadas no gráfico abaixo.

Gráfico 02. Definição da sala de leitura na escola.



Conforme demonstra o gráfico 02, 100% dos participantes disseram que a sala de leitura é essencial, possibilitando pleno desenvolvimento da linguagem visual, escrita, verbal e até mesmo de outras linguagens que estão sendo descobertas pelas crianças nesta fase inicial. Essas respostas demonstram a importância que a sala de leitura tem no processo cognitivo por oportunizar o contato com o mundo das letras.

Entretanto, aliar didática e qualidade de ensino esbarra em um ponto muito importante, estrutura da escola para proceder a seus serviços de educar. Sabe-se que hoje muitas escolas estão sucateadas, abandonadas. A realidade pesquisada, não foge à regra conforme pesquisa de observação feita na estrutura destinada para a sala de leitura. Dessa forma, o gráfico 03 agrupa as respostas dos entrevistados sobre a terceira pergunta do formulário, onde se buscava obter dos professores sugestões de melhoras das atividades na sala de leitura.

Gráfico 03. Sugestão para melhorar a sala de leitura na escola.

De acordo com o gráfico 03, dos docentes entrevistados 57%, não quiseram opinar sobre meios de melhorar as atividades que ocorreram na sala de leitura.

É preocupante a inércia dessas respostas, pois nos relatos obtidos o trabalho desenvolvido na sala de leitura abrange o falar em público, a apreciação de espetáculos, bem aceitação das atividades ali propostas e outros mais, tudo sendo abordado com dinamismo e de maneira adequada, por isso não deram nenhuma sugestão por não se sentirem à vontade.

Em seguida, 26% dos professores afirmam que para melhorar é preciso ter novas estantes para exposição dos livros pelos alunos. Sugerem, portanto, que seja dado um pouco mais de leitura de livros e de revistas infantis.

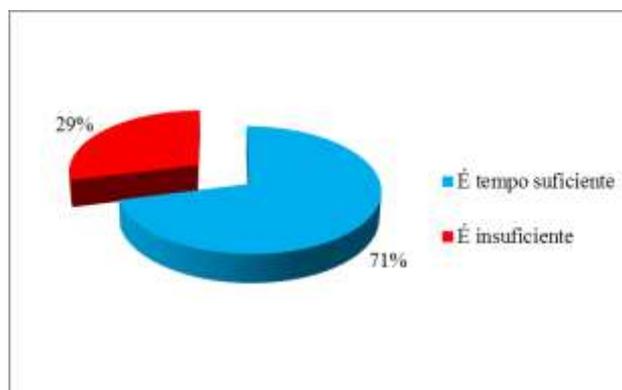
E para 17% das respostas, é necessária a presença de um bibliotecário para explicar o conteúdo dos livros e orientar os alunos e professores a classificar os tipos de leitura e as indicações para cada atividade pedagógica proposta em sala de aula.

Observam-se, com as respostas dos professores, o desconhecimento de recursos na condução da leitura e o despreparo desses mestres ainda muitos ligados no ABC, ou seja, estão presos ao código escrito, de codificar e decodificar.

A partir do pressuposto de que o texto que é contado tem autonomia de criar significado nos alunos da educação infantil, Ribeiro (2004) entende que a comunicação entre quem está lendo um texto (emissor) e quem está ouvindo (receptor), no âmbito educacional, tem sido mais produtiva ágil, reduzindo esforços nas rotinas diárias e ampliando as possibilidades de acesso às necessidades educacionais das crianças.

Em seguida, os professores foram questionados sobre o tempo de uso da sala de leitura pelos mesmos, no gráfico abaixo, os professores definem o tempo em suficiente e insuficiente e em seguida, são dispostos os relatos obtidos com os professores.

Gráfico 04. Sobre o tempo de uso da sala de leitura na escola.



De acordo com o gráfico 04, cerca de 71% dos professores afirmaram que o tempo em sala de leitura é suficiente para promover o aprendizado em leitura e escrita. Enquanto que 29% disse que não é suficiente (insuficiente).

De modo geral, pode-se observar que durante a entrevista as salas de aula estavam lotadas e que não tinha condições de trabalhar com satisfação a leitura. Então, trabalhar a leitura requer atividades para fortalecer muitas situações que concernem à prática, já que se trabalha na sala de aula a teoria da escrita, então a sala de leitura vem fortalecer a leitura de forma mais prazerosa, com condições ambientais favoráveis ao entendimento e ao desenvolvimento do imaginário dos alunos.

A aprendizagem da leitura e da escrita é de grande importância na vida da criança para que esta adquira conhecimentos posteriores mais significativos, e cabe à escola propiciar um ambiente alfabetizador que favoreça esse processo. É na alfabetização que a criança adquire a base para aprender a ler e escrever.

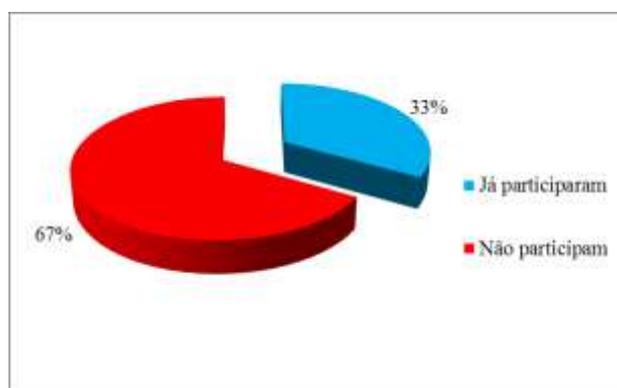
De acordo com Ferreiro & Teberosky (1985) o processo de aquisição da linguagem escrita tem sido nas últimas décadas, um objeto de atenção dos envolvidos com a educação, pois as teorias modernas mostram a complexidade de operações que se fizeram com a linguagem, tanto oral como escrita. Segundo as estudiosas a aquisição da escrita é algo mais complexo do que um simples processo mecânico de memorização e treino.

Fundamentando-se na teoria desenvolvida por (ibid, 1985) pode-se constatar que o desenvolvimento da criança em fase de alfabetização está relacionado com o meio em que vive. Iniciando-se a partir do momento em que a criança interage com o mundo da escrita. A leitura para a criança inicia-se quando ela associa as imagens e sons, quando

vê um livro e conta sua história. Uma vez que existe criatividade para produzir seu texto, a criança sente-se atraída pelo formato do livro, pela possibilidade de ser abrir e decifrar seus mistérios.

Em seguida, a quinta questão feita aos professores, visa entender como procedem a sua formação continuada, não somente em cursos de pós-graduação, mas em qualquer curso que venha contribuir na atualização e construção dos conhecimentos, para adotar novos pensamentos sobre sua prática e didática em participação em encontros, cursos e oficinas de leitura, as respostas foram agrupadas no gráfico a seguir.

Gráfico 05. Sobre a participação em encontros, cursos e oficinas de leitura.



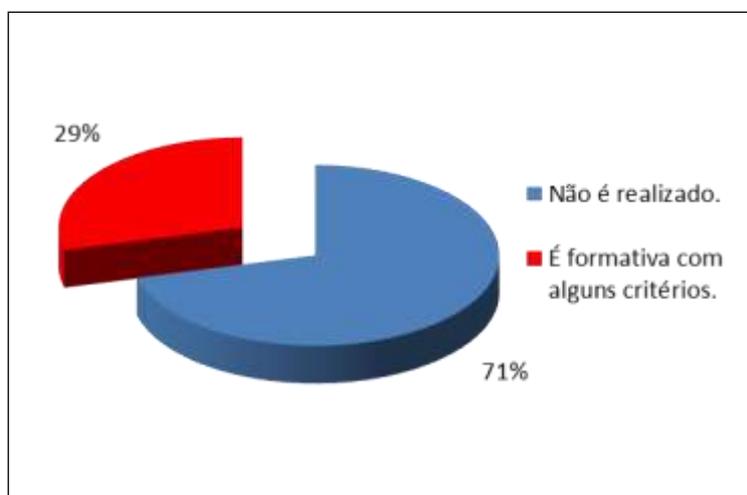
De acordo com o gráfico 05, cerca de 67% da amostra não participam desses encontros, cursos e oficinas de leitura, e somente 33% participaram. Diante desses pôde-se constatar nas observações e entrevistas, que se tivessem tempo fariam cursos, oficinas e encontros, mas não tem tempo, pois a vida deles é corrida, pois trabalham em outras repartições.

Há quem afirme que não teria problema algum de estar presentes nestas formações, desde que pudessem pagar, pois não tem condições. E de modo geral, entendem que atualizar-se é melhorar a sua atuação dentro da sala com seus alunos.

Aprender uma história para contar é como construir um filme. Temos que visualizar mentalmente cada coisa que vai sendo contada. Seremos capazes de recontá-la de memória sem que tenha sido preciso decorá-la. Selecionamos os gestos e as vozes que serão utilizados como continuadores da palavra, [...]. A palavra, por sua própria força, demanda gestos e expressões que surgem de forma orgânica, como continuidade, nunca como ruptura. [...] Um contador de histórias é também um agente de sua língua. Por isso a correção, a clareza, a eliminação de vícios de linguagem e a preservação da literariedade do texto, mesmo numa fala cotidiana, devem fazer parte de suas preocupações (Sisto, 1992, p. 123).

Esse aprendizado é fruto da observação e da busca interna por recursos que possam ressaltar aspectos que já possui bem como realizar um processo de elaboração e de reflexão sobre a importância de contar histórias. Nesses momentos podem ser utilizados pelo professor alguns recursos, visando transformar a contação de histórias em um momento muito agradável. Diante da necessidade de estar cada vez mais próximo do ouvinte, de seduzi-lo para a história, o contador de histórias na atualidade tem buscado novas performances que possam atrair ainda mais o leitor.

Gráfico 06. Como se realiza a avaliação da aprendizagem na estratégia pedagógica contação de histórias



De acordo com o gráfico, 29% dos docentes realizam a avaliação por meio de aspectos formativos como a participação em grupo, o interesse, a desenvoltura, a oralidade e o vocabulário. E 71% dos entrevistados relataram que não é realizada especificamente a avaliação da atividade de contação, pois avaliam através de outros instrumentos, dentre eles a prova.

A dificuldade para avaliar este instrumento oral como já fora citada, por não ter um pré-requisito com critérios para definir notas e por não estar como conteúdo explícito, e também não ter conhecimento da abrangência da temática, os professores sentem que não é possível tê-la como atividade avaliadora e tem receio em avaliá-los de forma subjetiva sem um instrumento escrito.

Os professores têm conhecimento da importância narrativa então, porque não valorizar e avaliar como uma estratégia de leitura, sem o alunado perceber que está sendo avaliado e cobrado? Fazer de forma que a sua presença não seja um ato

obrigatório nas atividades diárias. Porque será que as instituições escolares abdicam a apreciar o trabalho da narração oral como método de avaliação? Para confirmar este pensamento dois autores no seu artigo comentam que:

As instituições educacionais recusam um trabalho diferenciado com a leitura, porque a contação de histórias se distancia dos métodos das avaliações. Não se pode medir notas ou conceitos quando contamos ou ouvimos um conto e a escola tem dificuldades em trabalhar com aquilo que não pode ser avaliado (Souza e Bernardino, 2011, p. 236).

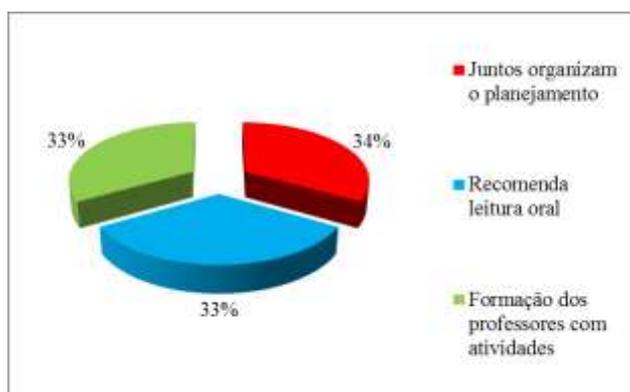
Sendo assim, as histórias ajudam as crianças a ver mais graça e sentido na vida, e auxiliam a quebrar o estereótipo da seriedade na escola, estabelecendo uma relação de felicidade entre a professora e as crianças, a felicidade, está sem dúvida, nesta relação do ouvir ao contar.

3.2. COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA NO CONTEXTO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O processo da leitura, escrita e oralidade para os professores se dá no início da formação escolar da criança, desde a pré-escolar, quer dizer na base, aonde se vai construindo os saberes. Por isso quem não lê, não assimila os códigos da linguagem, constatando que não tiveram um alicerce bem sólido, porém a leitura dos pequeninos faz parte da leitura de mundo, trazendo com eles as suas vivências que ajuda a se encontrarem, e isto passa pelas questões das histórias literárias que é bastante apreciada por eles.

Inicialmente, a primeira pergunta feita aos coordenadores foi sobre os parâmetros metodológicos que o serviço técnico realiza para acompanhar as atividades pedagógicas desenvolvidas na sala de leitura, as respostas mais citadas foram agrupadas no gráfico seguinte.

Gráfico 07. Parâmetros metodológicos para acompanhar o professor na sala de leitura.



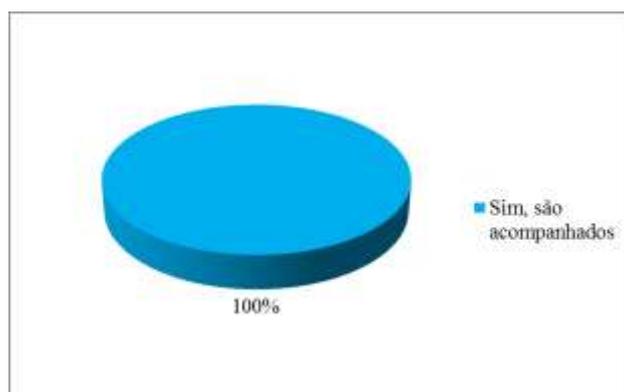
As respostas contidas no gráfico 07 apresenta que 34% organizam o planejamento, 33% recomendam leitura oral, 33% realizam a formação dos professores com atividades no contexto da contação de história, enfatizando, sobretudo os parâmetros metodológicos para acompanhar os professores.

De modo geral, pode-se perceber que todos os membros do corpo técnico da escola fazem o acompanhamento pedagógico dos professores no momento em que estão fazendo a contação de histórias. E o acompanhamento está sendo feito, porém admitem que se dê de forma lenta devido ao processo de ensino ser bastante tumultuado e não terem tempo de acompanhar no dia a dia, com excesso de atividades, deixando-os impossibilitados de exercerem tal função de forma satisfatória.

No entanto, durante a semana procuram trocar informações e sugerem materiais pedagógicos, para o bom desempenho das atividades que vêm sendo trabalhadas de forma dinâmica, inovadora e integradora.

Em seguida, os coordenadores pedagógicos foram questionados sobre o seu acompanhamento durante as atividades na sala de leitura, as respostas foram agrupadas no gráfico e nas análises seguintes.

Gráfico 08. Sobre o acompanhamento durante as atividades na sala de leitura.



De acordo com o gráfico 08, constata-se que 100% da equipe pesquisada afirmou que os professores são acompanhados quando estão dentro da sala de leitura.

As respostas que estão no gráfico 08, pode-se perceber que os professores não são tão receptivos a essa presença, pois se sentem ameaçados, apesar de participarem

das atividades na sala de leitura, aproveitando essa hora para corrigir atividades avaliativas e no caderno, planejar com a coordenação pedagógica e colocar a limpo outras tarefas escolares que julgam serem mais importantes. Pois acham que o professor que está responsável pela sala de leitura naquele horário é que tem que ficar na sala com os alunos.

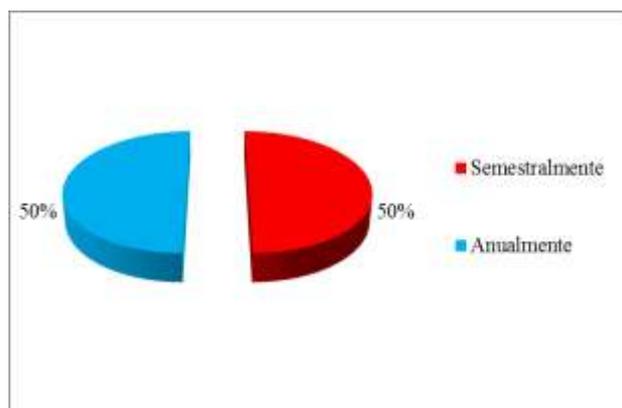
O Acompanhamento Pedagógico é uma estratégia de intervenção que auxilia os alunos com demandas específicas no âmbito da aprendizagem. Mediante um planejamento individualizado, cada aluno (a) conta com uma equipe de pedagogas especializadas, que desenham um plano de ação pedagógico com o objetivo de identificar as rotas de aprendizagem de cada sujeito e intervir para que os avanços aconteçam. De acordo com o autor que esclarece a função do coordenador pedagógico:

a) acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação; b) fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se e aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional; c) promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo; d) estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que aparecem (Piletti, 1998, p.125).

Em suma, entende-se que a perspectiva sócio-histórica, alicerça teoria a esse estudo, uma vez que o ato de contar histórias pelo outro ou pelo próprio sujeito leva à aprendizagem e ao desenvolvimento e ao reconhecimento da própria subjetividade e dos processos que ocorrem no dia a dia.

Em seguida, os coordenadores pedagógicos responderam a terceira questão do formulário de entrevista, que propunha identificar com que frequência o docente atualiza-se para trabalhar na sala de leitura com os alunos. As respostas foram organizadas no gráfico abaixo.

Gráfico 09. Sobre a frequência de atualização do docente da sala de leitura.



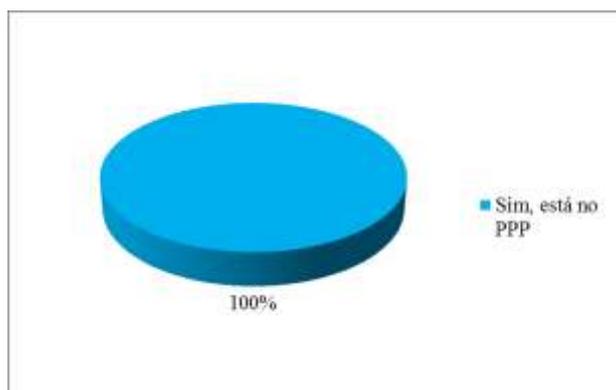
De acordo com o gráfico 09, os coordenadores afirmaram que os professores que atuam na sala de leitura se atualizam em cursos de capacitação e formação continuada semestralmente (50%) e anualmente (50%).

Neste sentido, Sunderland (2005) afirma que diante desse ponto de vista, reitera-se que a práxis do coordenador é contribuir na organização e gestão do trabalho pedagógico, tanto no que tange com especificidade ao processo ensino e aprendizagem como aos grandes segmentos da comunidade escolar.

Em suma, entendemos que a inserção da Contação de história cumpre um papel fundamental na garantia da construção de uma aprendizagem qualitativa no processo de alfabetização e aquisição da linguagem oral e escrita. Ensinar a ler e escrever utilizando a Contação de história como instrumento facilitador na aprendizagem faria com que despertasse no educando o gosto pela leitura (Sunderland, 2005, p. 88).

Assim, o coordenador pedagógico e o professor ao compartilhar ações no processo de formação, percorrerão um longo caminho que pressupõe explicitações legais contidas no PPP, a fim de assegurarem o espaço de reflexão coletiva, meio pelo qual, as práticas fragmentadas e ingênuas ainda estarão presentes no cotidiano escolar e serão superadas. No gráfico a seguir, são analisadas as respostas quando ao projeto de leitura realizado na escola, está ou não contemplado no PPP como componente obrigatório e necessário para o bom andamento e conquista das metas educacionais da escola.

Gráfico 10. Projeto da sala de leitura está contemplado no Projeto Político Pedagógico (PPP).



De acordo com o gráfico 10, foi unânime, quer dizer 100% a resposta dos entrevistados, o projeto de sala de leitura está contemplado no Projeto Político Pedagógico (PPP). A coordenação pedagógica vislumbra o PPP como um dos importantes espaços de participação e formação dos membros que compõem a instituição escolar. É neste sentido que o autor assim se expressa:

O Projeto Político Pedagógico (PPP) pode ser inicialmente entendido como um processo de mudança e de antecipação do futuro, que estabelece princípios, diretrizes e propostas de ação para melhor organizar e sistematizar as atividades desenvolvidas pela escola como um todo. Sua dimensão político-pedagógica pressupõe uma construção participativa que envolve ativamente os diversos segmentos escolares (Vasconcellos, 2002, p. 23).

O fazer da coordenação está estruturado em sua própria prática que emerge das suas reflexões. Todos devem ter a consciência da necessidade de um coordenador, sendo este capaz de conceber a educação como processo social em constante mudança, além de ser um pesquisador uma vez que seu papel na formação continuada de professores requer cuidado especial. Para Ferreira & Aguiar (2002) a presença desse profissional é indispensável na escola para que se processem nos docentes modificações comportamentais e atitudinais, oriundas de uma mudança gradativa e sistemática.

Nesta perspectiva, hoje se precisa de um coordenador que não ofereça apenas suporte técnico pedagógico e reflexão da prática docente, mas sim, um novo modo de pensar e agir em meio às constantes transformações pela qual a sociedade enfrenta. É necessário desenvolver uma visão crítica e construtiva acerca dos questionamentos que invadem a instituição de ensino, de modo a vitalizar as ações educativas, transformando o trabalho individual e coletivo dos atores da escola.

Utilização de histórias, músicas/cantigas, jogos, materiais coloridos diversificados, texturas, dramatização, fotografias como facilitadores do trabalho coma linguagem oral e escrita. Nesse sentido, entendemos que, para o trabalho pedagógico que tem como foco central o desenvolvimento da linguagem oral e escrita de crianças com deficiência ou com transtornos globais do desenvolvimento matriculadas nas salas comuns do ensino regular, precisa se pautar no significado da palavra como parte inalienável da ação docente, pois entendemos que independentemente de qualquer características mental, sensorial, física, intelectual, 'é fundamental que os textos escritos façam sentido para as crianças e que ler e escrever sejam relevantes e necessários para suas vidas' (Drago, 2012, p. 246).

Cabe ao coordenador planejar, avaliar e aperfeiçoar suas ações, visando garantir a eficiência do processo educacional e a eficácia dos resultados. Este profissional deve sempre ter o objetivo de levar os participantes do ato educativo a estarem envolvidos, porque o trabalho não se dá isolado, mas sim através da ação integrada.

O trabalho coletivo na unidade de ensino oportuniza que seus líderes se desfaçam da postura de chefe e criem um clima harmonioso, receptivo, onde todos possam tecer comentários, ideais e que de fato recebam críticas e aceitem consensos para melhor desempenho do trabalho pedagógico e democrático. Contudo, o bom coordenador não é aquele que apenas delega atividades, ao contrário esse seria o menos indicado, na atualidade percebe-se que o bom coordenador deve ser dinâmico em suas

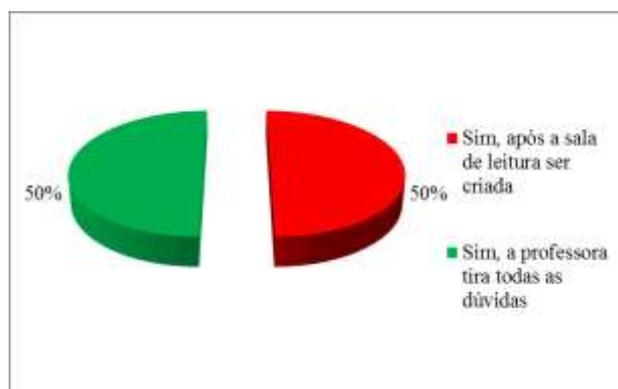
práxis, não esquecendo que existem algumas características indispensáveis para exercer uma boa liderança.

Enfim, o caminho para que esse mediador se torne um bom líder educacional não é fácil, mas tão pouco impossível. Basta querer e ter determinação para prosseguir, liderança não significa observar de longe, entretanto está inteirado, trabalhando junto, participando de todo o processo como os discentes que vem a seguir com suas respostas e afirmações.

3.3. ENSINO ATRAVÉS DOS CONTOS: A PERCEPÇÃO DESCRITA PELOS DISCENTES DA ESCOLA CAMPO

Neste momento, serão apresentados os resultados obtidos com as entrevistas feitas com alunos da escola campo. Visando-se assim compreender o processo de ensino através dos contos, identificando o interesse, participação e avaliação dos alunos quanto aos procedimentos adotados pelos professores em sala de aula, na sala de leitura e nas aulas em que acontece a contação de histórias. No primeiro gráfico relacionado aos discentes, as respostas visam identificar a opinião que os mesmos tinham sobre o gosto pela leitura ter se modificado após a implantação da sala de leitura.

Gráfico 11. Sobre gostar ou não da sala de leitura.



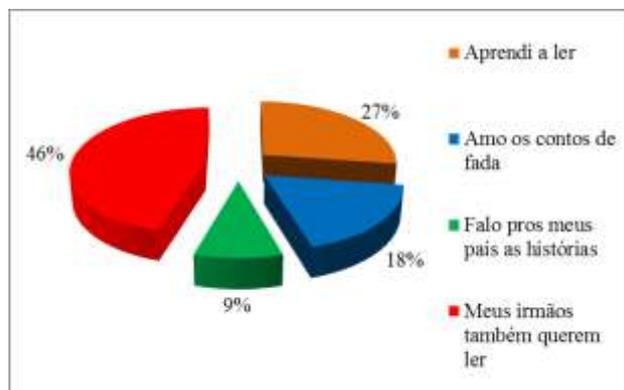
De acordo com o gráfico 11, as duas principais respostas mais citadas pelos alunos foram: 50% disseram que passaram a gostar mais da leitura quando a sala de leitura foi criada; e 50% disseram que a professora tira todas as dúvidas dos alunos quando estes estão na sala de leitura.

Então, a opinião dos alunos sobre a sala de leitura é unânime em dizer que depois que passaram a frequentar a sala com atividades de leitura, criou o gosto por essa prática por se sentirem motivados pela professora e pelo próprio ambiente de conforto. Sentem a necessidade de aprender a ler, a representar, a observar, a manejar os fantoches, a ouvir e a criar as histórias, além de outras atividades visuais que os ajudam a desenvolver a modalidade de expressão na leitura.

Para que a escola tenha o desenvolvimento desejado é necessária à utilização de recursos que facilitem a integração e dinamização do processo ensino/aprendizagem e entre os recursos existentes, destaca-se a biblioteca escolar, técnicas de ensino diferenciadas e estimuladoras da curiosidade e da construção do conhecimento (como é o caso do conto e das mídias), tornando-se assim, instrumentos indispensáveis como apoio didático pedagógico e cultural, e também elemento de ligação entre professor e aluno na elaboração das leituras e pesquisas, e no estabelecimento de sentido (inferências) e na comunicação com os demais membros de sua sociedade (Ribeiro, 2004, p. 88).

Do ato de ensinar, o processo passa para o ato de aprender por meio da construção de um conhecimento que é realizado pelo educando, que passa a ser visto como um agente e não como um ser passivo que recebe e absorve o que lhe é ensinado, por isso devemos dar imaginação às crianças trazendo para sala de aula o que o professor tem de mais criativo e que mais consiga chamar a atenção das crianças, neste caso os livros que contenham narrativas e descrições de heróis, personagens de literatura infantil, que podem sim ajudar as crianças da Educação Infantil a criarem e reproduzirem histórias que possibilitem práticas à leitura. Em seguida, os alunos responderam o formulário de entrevista, que visava colher a opinião sobre as contribuições da sala de leitura para a vida pessoal, agrupando-se as respostas no gráfico abaixo.

Gráfico 12. Contribuições da sala de leitura para a vida pessoal.

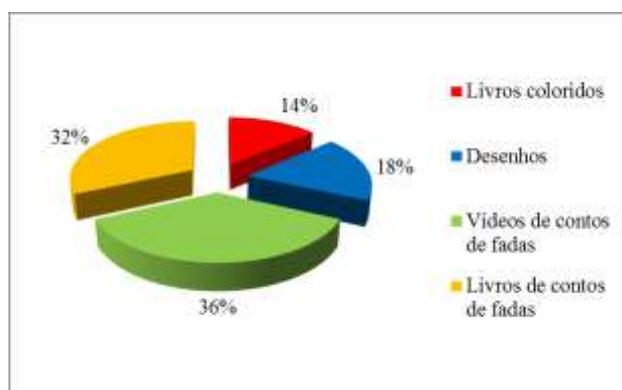


O gráfico 12 expôs, as contribuições da sala de leitura para a vida pessoal dos alunos entrevistados foram inúmeras, sendo que as respostas que mais foram citadas nas entrevistas foram as seguintes: 46% disseram que seus irmãos também querem ler; 27% aprenderam a ler; 18% passaram a amar os contos de fadas e as lições de vida aprendidas com as personagens; e 9% falam para seus pais sobre o que aprenderam com as histórias contadas pelas professoras.

Segundo Freitas (2006), o ato de contar histórias é uma contribuição estratégica no processo ensino e aprendizagem, pois incentivo às crianças a criarem estratégias de compreensão e de leitura. Neste contexto, o educador deve entender o aluno como um indivíduo que constrói seu conhecimento, um ser real e não um ser imaginário ao aplicarem os contos infantis em suas práticas pedagógicas, percebe-se, segundo o autor, que muitos professores ainda não estão preparados, mas acomodados para esta prática.

Em seguida, o gráfico 13 expõe as respostas obtidas com a terceira pergunta do formulário dos alunos, que visava identificar os elementos que devem ser necessários para compor o ambiente de leitura na escola.

Gráfico 13. Elementos necessários no ambiente da sala de leitura.



De acordo com o gráfico acima, os alunos afirmaram que na sala de leitura, é necessário ter: vídeos de contos de fadas (36%), livros de contos de fadas (32%), desenhos (18%) e livros coloridos (14%). Como se pode perceber, os alunos ainda possuem uma visão distorcida de materiais de leitura, mas realizam a leitura de mundo e das imagens que estão presentes no dia a dia e querem que a sala de leitura tenha contos de fadas.

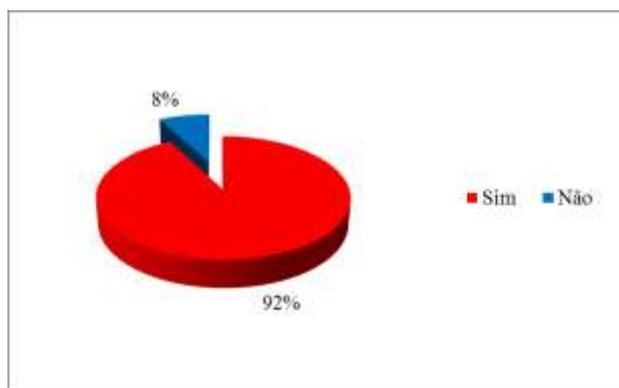
Em pleno Século XXI, as crianças estão dispostas ao avanço tecnológico, que contribuiu para que novas estratégias de ensino de leitura fossem criadas para chamar a atenção delas. Podem-se citar como exemplo os atuais livros sem texto, também

chamados “livros de imagens”, que segundo Zilberman (2003), tem encantado crianças e adultos devido à qualidade artística que eles apresentam.

É uma verdadeira aventura abrir esses livros, pois as imagens encantam, nos deixam curiosos e nos fazem refletir. Além disso, os livros sem texto proporcionam a possibilidade de um novo olhar, isto é, um olhar mais atento a coisas que às vezes já nem tem atenção, ou então imagens de perspectivas que nunca se imaginou.

Como afirma Zilberman, (2003, p. 22), “ler a obra de Lobato para conhecer as principais personagens ou o cenário que elas viveram” é fazer as crianças obterem conhecimento e grande prazer não só pela qualidade dos livros elaborados, mas pelo reconhecimento de uma história que a mãe costumava ler ou recitar durante a gravidez, a criança então começa a ter interesse pela leitura desde cedo e cabe à família e professores estimular esse interesse. No Gráfico 14, as respostas obtidas se referem a quarta questão do formulário aplicado aos alunos, que visava identificar se gostam ou não de ler livros e outros materiais.

Gráfico 14. Elementos necessários no ambiente da sala de leitura.



De acordo com a gráfico 14, a maioria dos alunos, cerca de 92% gostam de ler, somente 8% não gostam de ler. O contato com textos recheados de encantamento faz-nos perceber quão importante e cheia de responsabilidade é toda forma de leitura contada. Sendo assim, o termo infantil associado a contos infantis não significa que ela tenha sido feita necessariamente para crianças. Na verdade, acaba sendo aquela que correspondem de alguma forma, aos anseios do leitor e que se identifique com ele.

A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática ou para incentivar hábito de leitura. Este tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós. Assim o poder de cativar esse público tão exigente e importante aparece.

Concentra-se aqui a íntima relação entre a leitura, contos e a oralidade que a estudiosa descreve;

Como a literatura infantil prescinde do imaginário da criança, sua importância se dá a partir do momento em que elas tomam contato oralmente com as histórias, e não somente quando se tornam leitores. Desde muito cedo, então, a literatura torna-se uma ponte entre histórias e imaginação, já que é ouvindo história que se pode sentir [...] e enxergar com os olhos do imaginário [...] abrir as portas à compreensão do mundo (Abramovich, 2003, p. 17).

A contação de histórias serve para estimular no aluno o prazer pela leitura e fazendo com que eles viagem nas asas da imaginação de um mundo mágico e inesquecível. O sucesso de uma contação de história depende muito das pessoas envolvidas no contexto literário.

3.4. A VISÃO DO CONTADOR DE HISTÓRIAS - J.M

A entrevista foi no dia 21 de novembro de 2014, às 12h no local da FLAP (Feira de livros), situado na Av. Mendonça Junior s/n, Bairro: Central, ao lado da Casa do Artesão, prédio cedido a Secretaria de Estado da Educação/SEED na cidade de Macapá no Estado do Amapá - Brasil. Vejamos abaixo:

Há um ano que estou tendo esse entendimento de que sou um contador de histórias, mas há bastante tempo já contava histórias, porque eu sou ator, palhaço, escrevo para crianças, dramaturgo alguns textos de teatro montados, não somente aqui em Macapá, mas dentro principalmente do movimento da rede brasileira de teatro de rua, mas há um ano que eu assumo essa atividade, que visto a camisa por entender, por me reconhecer. [...] Essa troca de ideias, esse laboratório de ciências, dentro da oficina é um bate papo com a turma para compartilhar experiências, histórias e fazer se conhecer e também faço através de uma forma performática.

[...]

Faço uma oficina de desinibição em que a galera vai perdendo um pouco a timidez, porque no final, a gente termina com cada um contando uma história para a plateia, por exemplo: são 30 pessoas cada uma tem a responsabilidade de trazer mais duas pessoas e cada um participante da oficina vai contar uma história. E para que se sintam seguro peço que subam no palco e depois faço várias atividades de desinibição, no final da oficina é muito lindo, tem muita gente mesmo que se encontra, tem uma moça chamada Aline Caldas, nossa, é uma revelação da 1ª oficina que fizemos, mas tem outras pessoas que participaram e que mandam fotos pra dizer olha, eu estou fazendo isso.

[...]

Eu tenho um trabalho de formador em empresas e projetos que desenvolvo

em escolas e projetos sociais também como o “Projeto Parazinho”, que tem

uma biblioteca, temos uma creche agora, trabalho social com 15 jovens que recebem o valor de R\$100,00 como bolsa de incentivo para participar de projetos para frequentar a biblioteca. É a bolsa de Jovens contadores de

histórias.

[...]

É uma iniciativa minha que sempre busquei incentivar a leitura, fazer um trabalho social. São jovens da própria comunidade (J.M, 2014).

4. CONCLUSÃO

A pesquisa, na área da contação de histórias, relata a sua importância para a humanidade e a contribuição para um fazer mais digno de uma aprendizagem significativa e produtiva, abrangendo na formação cognitiva, afetiva, social e cultural de um ser em constituição que receberá um potencial de conhecimento expressivo, o conto.

Tomando tais premissas como orientações teóricas para a pesquisa, a mesma tem por objetivo geral analisar a contação de história como estratégia pedagógica nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Estadual Santuário do Perpétuo Socorro, em Macapá, Estado do Amapá; Vale enfatizar que o objetivo construído foi alcançado quando a investigação em evidência passa a fazer parte das atividades desenvolvidas na escola pesquisada de forma dinâmica e prazerosa, ocorrendo à aprendizagem que é o foco do estudo, este é o primeiro passo para que a estratégia contação de história seja disseminada e que sua prática seja aplicada no diário. Percebe-se nas respostas dos professores, quando discorrem que contar histórias é uma prática que promove ótimos resultados no processo ensino aprendizagem dos alunos.

Conforme as orientações do corpo técnico pedagógico da escola que direciona um trabalho consistente que implementados deverão sequenciar didaticamente visando à melhoria da alfabetização e do letramento, uma vez que a contação de histórias é uma excelente forma de ensinar envolvendo professor e aluno num aprendizado contínuo de saberes. Porém, para dar direcionamento a esta proposta é necessário preparar o professor, tendo-se em conta que, dessa forma, este terá condições de receber a clientela e construir um trabalho mais sólido e fundamentado.

Quanto às hipóteses presumidas todas foram confirmadas, pois verificou-se que o trabalho realizado na sala de leitura é diversificado quanto a sua metodologia, e com diferentes recursos demonstrando que a estratégia pedagógica contação de histórias tem seu valor como ferramenta fundamental para o ensino dos anos iniciais. A leitura tem que ser uma tarefa constante e livre, não importando o que se lê, mas com o ato de ler em si, ou seja, diante da necessidade de incentivar e praticar a leitura, é que se ganha

adeptos e se proporciona a liberdade no criar, de acordo com sua experiência de vida e da forma como está o seu espírito.

Quanto ao processo de avaliação da aprendizagem desenvolvido na escola campo de pesquisa, há uma dificuldade em avaliar a contação de história, pois conforme dados coletados a maioria dos professores não conseguem perceber quais critérios podem ser medidos, isso decorre da falta de conhecimento da abrangência da narrativa oral.

Diante deste conhecimento fundamentado recomenda-se como deveria acontecer com excelência a Contação de Histórias na escola investigada:

- ✓ De acordo com as experiências de J.M, pode-se recomendar que os professores da escola campo dessa dissertação possam frequentar suas oficinas, pois é preciso fomentar a ideia de que as crianças precisam vivenciar e perceber a realidade social em sua complexidade e multiplicidade de formas, oferecendo-lhes novas perspectivas, para que possam avançar na compreensão do conjunto de relações que explicam o mundo social.
- ✓ A partir do que foi pesquisado, analisado e discutido fica além da sugestão já mencionada, algumas outras recomendações ao público-leitor: que os docentes sejam mais dinâmicos, pesquisadores e criativos em suas aulas, contemplando a expressão literária como parte integrante do currículo a ser trabalhado.
- ✓ Que planejem cada passo a ser dado no projeto de leitura e continuem contemplando no PPP, mas com objetivos claros das habilidades que se pretendem desenvolver.
- ✓ A metodologia aplicada deve conter atividades, como: jogos, recursos manuais e tecnológicos, projetos e outros procedimentos lúdicos, estimulando o alunado à experimentação, à imaginação, ao raciocínio lógico e à criatividade, de modo a não ensinar apenas por ensinar, mas mostrar ao leitor o valor e a utilização da contação de histórias na vida de cada um, fazendo uso de uma linguagem adequada ao nível de compreensão em que a mesma se encontra.

Portanto, uma proposta educativa comprometida com a democratização social e cultural nos diferentes níveis educacionais tem a função e a responsabilidade de garantir a todas as crianças leitoras acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

5. ASPECTOS ÉTICOS

Vale explicitar que a referida pesquisa será submetida ao Comitê de Ética da Instituição, cumprindo a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, com o número do comprovante 032001/2016, com o título A contação de histórias como estratégia pedagógica nos anos iniciais do ensino fundamental, dia 17/04//2016 as 22:16, o local é Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá – IEPA.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: Gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, (2003).

ALVARENGA, E. M. de. **Metodología da Investigação quantitativa e qualitativa, Normas técnicas de apresentação de trabalhos científicos**. 2a ed. 1a Reimpressão. Versão em Português: Cesar Amarilhas. Assuncão, Paraguai: Ed. A4 Diseños, (2012).
DRAGO, R. (Org.). **Síndromes: conhecer, planejar e incluir**. Rio de Janeiro: WAK, (2012).

FERREIRA, N. S. C. & AGUIAR, M. A. S. (Orgs.). **Para onde vão à orientação e a supervisão educacional?** Campinas: Papirus, (2002).

FERREIRO, E. & TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco e Mário Corso. 4 ed. Porto Alegre: Artemed, (1985).

FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, (2002).
FREITAS, M. T. M. **A escrita no processo de formação contínua do professor de matemática**. 250p. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática). FE, Unicamp, Campinas, (2006).

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. (2008). **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, (2008).

PILETTI, N. **História da Educação no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Ática. 183P, (1991).

RIBEIRO, J. **Contos de fadas: de coração desarmado para coração desarmado**. São Paulo: Editora Ave Maria, (2004).

SISTO, C. **Leitura e oralidade: Contar histórias – da oficina à sinfonia**, (1992).

SOUZA, L. O. de & BERNARDINO, A. D. **A Contação de Histórias como Estratégia Pedagógica na Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Vol.6 no 12 jul/dez. (2011) P.235-249.

SUNDERLAND, M. **O Valor Terapêutico de Contar Histórias**. São Paulo: Cultrix, (2005).

VASCONCELOS, C. S. **Coordenação do Trabalho Pedagógico: do trabalho político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula**. São Paulo: Libertard, (2002).

VINAO, F. M. & ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Rio de Janeiro: DP & A, (2001).

ZALUAR, A. **“O antropólogo e os pobres: introdução metodológica e afetiva”**. In: A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, (1985).

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 11a ed. São Paulo: Global, (2003).